

## **Uma década de história do evento Roa Bastos contra o erro do esquecimento**

**A decade of history of the event Roa Bastos against the error of oblivion**

Alai Garcia Diniz\*

\* Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR, 85866-000, e-mail: agadin@gmail.com

**Resumo:** O texto apresenta uma perspectiva histórica e autobiográfica da constituição do Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidades e Outras Linguagens (NELOOL) e uma retrospectiva dos simpósios e congressos Roa Bastos realizados desde 2006.

**Abstract:** The text presents a historical and autobiographical perspective of the constitution of the Center for Studies in Literature, Oralities and Other Languages (NELOOL) and a retrospective of the symposia and congresses Roa Bastos held since 2006.



1

“Essas visões não passavam de um erro do esquecimento. É proibido ignorar as leis da natureza, e fingir colocar a morte em xeque...perto da morte ainda temos que velar em silêncio.” (BLANCHOT, 2011, p. 12)

### PREÂMBULO AUTOBIOGRÁFICO

Se há algo que eu nunca soube foi ler ou escrever com um olhar desapaixonado e frio sobre o mundo, sobre o tempo. Quem sabe se foi pelo fato de que o primeiro

---

<sup>1</sup> Barra de uma foto para o cartaz do VI Congresso Internacional Roa Bastos, na UNILA, Foz do Iguaçu, de 2011, baseada em um fragmento de esculturas em pindó, arte da comunidade afro-paraguaia de Altos, cidade Paraguaia com o nosso agradecimento.

contato com a arte tenha chegado a mim pelo canto coletivo, na esfera do sagrado, com direito ao acompanhamento de trombone, pistão, clarinete, saxofone e tuba. Ou então, talvez, não fosse por instrumentos de um “sopro divino”, mas pelas cordas da viola do meu tio compositor.

Destruir o lugar de fala não foi algo fácil, quando a voz, marcada pelo silêncio à mesa do patriarcado, entremeia a timidez da infância em um vilarejo, com rastros de uma cultura Guarani, percebida muito depois, e com um acesso à biblioteca só a partir dos onze anos, no ginásio, e a leitura compactuava com a escrita romântica de José de Alencar, uma das poucas coleções de obras da literatura brasileira em uma cidade vizinha onde terminei o ensino fundamental. Aos poucos fui aprendendo a decodificar que as letras para mim (ou a literatura) tinha vindo depois de uma arte verbal que chegava pela vocalidade na performance do canto e da melodia.

Da infância salto o início da carreira na periferia de São Paulo como docente de Língua Portuguesa. Nos anos 70 do século passado fui docente “a título precário”, tão precário que em apenas um passo de impulsividade, em 1975, rompeu-me a zona de conforto de cidadã, seguida de repressão e autoexílio. Ao retornar ao Brasil, insisti e me efetivei, em 1981, tanto no Estado, como em escolas da Prefeitura, mas as 45 aulas semanais criaram-me calos nas cordas vocais que teimavam em me silenciar. Daí, em 1987, cheguei à UFSC para a área de Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

A voz retornou, ufa! Mas para uma mera especialista em Filologia Hispânica, com lar matrifocal, o salário baixo, a despeito da sucessão de greves, logo pensei, num pé lá na USP, outro cá na ilha de Desterro, o Mestrado sob orientação de Jorge Schwartz e acompanhamento de Raul Antelo, levou-me à crônica anarquista de Rafael Barrett. Então esse foi o primeiro movimento rumo ao Paraguai. Um dos países de que falara durante a minha graduação.

Inscrita no Doutorado, num papo com Jorge Schwartz e Hugo Achugar, o crítico uruguaio sugeriu o levantamento da Guerra contra o Paraguai. Imediatamente decidi que era esse o cruzamento entre guerra e literatura que gostaria de fazer. E graças à abertura de um dos maiores estudiosos do modernismo no Brasil, Jorge Schwartz, me embrenhei no campo minado da guerra que, na tese, explodiu como uma bomba de fragmentação, dessas que hoje levam no bojo outras bombas e não param com uma só explosão.

## HISTÓRICO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE LITERATURA, ORALIDADES E OUTRAS LINGUAGENS (NELOOL)

Em primeiro lugar, a intenção de realizar um histórico do evento Roa Bastos me leva a pensar antes nas genealogias do Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidades e Outras Linguagens, entendendo que o aprofundamento virá, de fato, quando outros fundadores puderem trazer também suas memórias.

O que foi desencadeando a reunião de alguns docentes para criar o Núcleo de pesquisa foi a criação do grupo JALEO JALEO da Área de Espanhol com apresentações no Centro de Comunicação e Expressão (CCE), no Teatro da UFSC, hoje Carmen Fossari, ou mesmo no centro de Desterro. Com a criação do núcleo de pesquisa articulado à extensão, houve uma ampliação do grupo de performance para o Corpo de Letras que abrangia os dois departamentos do CCE, tanto o de Língua e Literatura Estrangeiras (LLE) como o de Língua e Literatura Vernácula (LLV). A adesão de Sergio Medeiros, criando atividades e eventos como o *Bloomsday*, por exemplo, também atraía os estudantes. Em 2004 o Curso de Cinema entra como opção no Vestibular da UFSC e, em 2008, foi o de Artes Cênicas, cujo Grupo de trabalho era formado por professores do NELOOL.

Quando pedi a Luizete Guimarães para dizer em uma frase como definir o NELOOL, ela diz: “Era uma alegria.” A presença do saudoso Professor de Latim: José Ernesto, do LLV, sempre pronto para a atividade e quem nos apresentou a tradução de Catulo ao português. Assim criamos um recital gravado, de modo a experimentar com a vocalidade. Um dos trabalhos mais vanguardistas produzidos e que, seguramente, com a onda de podcast, teria bastante repercussão na atualidade. Ao abrir essa janela de comunicação, os dois departamentos (LLE/LLV) aprendiam a superar as disputas a que rigidez da estrutura acadêmica tinha o hábito de fechar. Performances do Corpo de Letras animavam grandes eventos na UFSC como o *Fazendo Gênero* e no campus, passava pela reitoria e saía rumo ao centro da cidade da Ilha do Desterro. Em livrarias, ou fazendo o Manifesto Antropofágico na Assembleia Legislativa; no Museu Cruz e Souza recitando Carlos Drummond de Andrade com a profa. Rita Barbosa. Ora em uma igreja em Coqueiros, cujo famoso padre era da Teologia da Libertação, ou em um asilo de idosos. A criação formal do NELOOL amadurece vínculos e amplia as

orientações de iniciações científica, trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

A Profa. Dirce Waltrick do Amarante me repassou também suas impressões: “Quando eu comecei o Mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Teoria Literária, logo passei a participar desse Grupo de Pesquisa coordenado pela Alai que, posteriormente, ajudou a fundar tanto o curso de Cinema como o de Artes Cênicas da UFSC, de modo que eu vejo o NELOOL como o grande embrião do Departamento de Artes. Isto a gente deve muito ao esforço de uma pequena equipe do NELOOL que lutou para que isso fosse criado na nossa universidade. E o embrião dele é justamente esse Núcleo de performance e oralidade que nós tínhamos na universidade e que fazíamos várias experimentações artísticas, estéticas com alunos de Artes Cênicas e de outras áreas também, com um grupo bastante variado, fizemos várias atividades. O Bloomsday começou aqui na cidade em 2002 e fazia parte das atividades do NELOOL, esse grupo de performance e oralidade, então ele foi extremamente importante para o Centro de Comunicação e Expressão, para a Universidade Federal de Santa Catarina como um todo e a partir dele as pessoas começaram a ver que tínhamos necessidade de termos, realmente, um Departamento de Artes, que havia alunos interessados em trabalhar com cinema e com performance mais a fundo. Tive o maior prazer em participar durante muitos anos do NELOOL e fico muito feliz com esse grupo que continua firme e fazendo esse evento Roa Bastos, também importantíssimo e trazendo à tona a questão da oralidade e da cultura latino-americana que é o grande forte do NELOOL. A questão das genealogias dramáticas americanas, que vai muito mais longe do teatro português, esse teatro que a gente chama de teatro indígena, muito devo a Alai que foi minha orientadora no Mestrado e no Doutorado.”

Só no último momento lembrei-me que isso seria apenas o primeiro fio de uma série de depoimentos dos fundadores do NELOOL, que aliaram sua trajetória na UFSC com o dinamismo de suas pesquisas, como: Sergio Medeiros com Visconde de Taunay; Popol Vuh; criando o *Bloomsday*; Luizete Guimarães Barros com o glamour de sua voz, a gramática de Bello e a leitura de Roa Bastos e Claudio Alano Cruz com o estudo de teatro; W. Benjamin ou o tema da infância na literatura. Muitos estudantes nossos aderiram ao NELOOL, Valdir Olivo Jr. por um período; Henrique Finco, professor de Cinema, cria o Intertela (Mostra de curtas); José Mariano do Carmo que chega em 2013 e cria o “Bate-papo com o escritor”; José Ricardo Goulart

e Luiz Gustavo Engroff, doutores hoje, mas os nossos ases do T.I. que sob a batuta de Sassá Moretti fazem de FITA um dos destaques da animação na UFSC e acolhem a Cynthia Valente que chega organizando a seguir o VIII evento Roa Bastos. Eles constituem para o NELOOL o surgimento de uma segunda geração. E, a partir de 2021, na Coordenação do NELOOL, Eleonora Frenkel e Luiz Gustavo, começando com um Seminário interno para a discussão das pesquisas em andamento, em junho de 2021, que contou com a participação de membros ativos do grupo de pesquisa e das professoras convidadas Carla Dameane, da UFBA, Débora Cota e Diana Araújo, da UNILA, e Lilibeth Zambrano, da Universidad de Los Andes/Mérida/Venezuela; evento a partir do qual foram redefinidas as linhas de pesquisa.

## HISTÓRICO DO EVENTO ROA BASTOS

Após a morte de Augusto Roa Bastos, em 2005, e ao ser agraciado o escritor com o título de Doutor Honoris Causa, seu filho Carlos Roa vem receber o reconhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina e nessas alturas eu havia recebido também a bolsa do CNPq sobre a obra do autor paraguaio.<sup>2</sup> Eis o que determinou para mim a necessidade de conhecer mais de perto os paraguaios, escritores, pesquisadores das culturas indígenas. Após uma guerra genocida contra o Paraguai no século XIX, me parece fundamental mostrar não só a nossa solidariedade, mas a intenção de um simpósio que começou em 2006 com pouca visibilidade, acabou ganhando adeptos que vinham de várias regiões do Brasil e atraíam também intelectuais de países vizinhos, além dos convidados e com parceria da Universidad de Vigo, representada por Carmen Luna Sélles e a Universidad de Los Andes, em Mérida, com Lilibeth Zambrano e José Gregorio Vásquez. A Fundação Roa Bastos, organizada pelos filhos do escritor em Asunción/PY, sempre fez ao evento Roa Bastos a melhor das acolhidas.

A figura de Augusto Roa Bastos, que perambulou, não só por diferentes países, como por diferentes linguagens, áreas e gêneros literários, tornou-se pano de fundo para as pesquisas apresentadas nas diferentes edições do Congresso, que tem nesse

---

<sup>2</sup> Em 2006, fui contemplada com a primeira bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq sobre a obra de Augusto Roa Bastos. Só tive que declinar em 2012, devido ao fato de receber a bolsa da CAPES para atuar como Prof. Visitante Sênior na Universidade Federal de Integração Latino-Americana.

intelectual a fonte de inspiração cultural e ética para reunir, pelo viés da interdisciplinaridade, diversos imaginários. Entretanto, mesmo partindo desse núcleo de interesse primordial, o evento visa propiciar saberes alusivos às culturas transfronteiriças, em diferentes línguas, linguagens e meios expressivos e a origem do evento transforma a alusão ao escritor em um modo de expandir as fronteiras das poéticas transterradas para o reconhecimento de outros espaços de diálogo entre geopolítica e geopoética.

A poética robastiana, vista por sua operação entre limiares, com o cultivo de discursos transgenéricos, articula no evento as pesquisas não estritamente literárias (como as teatrais e as fílmicas) e congrega, no campo da dramaturgia, da performance, das máscaras e dos rituais de poéticas ameríndias e afrodescendentes meios para consolidar a rede que agora inventa um percurso dialógico concreto.

A primeira edição do simpósio, em 2006, teve como foco a homenagem a Augusto Roa Bastos. Em 2007, adota-se um tema – Corpo, Papel e Imagem - como modo de aglutinar e expandir o evento para experiências da literatura em movimento e discutir uma concepção de arte entre linguagens, de acordo com a proposta do núcleo de pesquisas NELOOL. Em 2008, consolidando o vínculo com a *Universidad de Vigo*, na Espanha, realiza-se o III simpósio, com o tema “Viagem Intersemiótica”. Em 2009, após a realização do IV simpósio com a temática “Imaginários bélicos”, define-se que o evento se transformará em Congresso Internacional no ano de 2010, devido ao Centenário de Rafael Barrett e as possibilidades de um fluxo mais amplo de convidados/as e da própria comissão que se constitui a partir da relação entre a UFSC, a *Universidad de Vigo*, a Secretaria de Cultura do Paraguai e o Instituto de Cultura Hispânica do Paraguai.

Ampliava-se gradativamente o financiamento da CAPES e do CNPq ao evento e, graças a isto, houve sequência, dinamismo, itinerância e publicações. O tema do V Congresso Roa Bastos era centrado no Centenário da morte de Rafael Barrett (1876-1910); nessa edição, o evento adotou um formato itinerante, de abrangência internacional, e foi promovido e realizado em três instituições: UFSC (Florianópolis/Brasil), em outubro, com coordenação da Profa. Dra. Alai Diniz e Comissão Organizadora do NELOOL; com promoção da Secretaria da Cultura do Paraguai (Assunção/Paraguai), foi realizado no Instituto de Cultura Hispânica, no mesmo mês; e, em dezembro, celebrou-se na *Universidad de Vigo* (Vigo/Espanha), sob a coordenação da Profa. Dra. Carmen Luna Sélles e uma Comissão organizadora local.

Pela primeira vez, teve como resultado uma publicação impressa pela universidade parceira, em forma de Anais do evento (LUNA *et all.*, 2011).

No ano seguinte, em 2011, houve o VI Congresso Internacional Roa Bastos - Arquivos da fronteira, na UNILA, em Foz do Iguaçu, com grandes nomes da crítica roabastiana e a conferência de Rubén Bareiro Saguier, conseguindo levar um ônibus com estudantes da Área de Espanhol da UFSC para Foz do Iguaçu, a fim de participarem do evento. Nessa ocasião, foi decidida a mudança do evento para ser bianual, garantindo publicações sempre que houvesse financiamento para isso. Com o auxílio da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) e do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE/UFSC), publicou-se um livro com uma seleção de artigos de especialistas sobre a obra de Roa Bastos (DINIZ, 2012).

Os eventos de 2013 e de 2015 foram dedicados, respectivamente, aos temas: “Estéticas migrantes” e “Po(éticas) e Políticas do Caribe Andino ao Grande Chaco”. Ambos resultaram em publicações em livro (MARSAL, 2013 e VALENTE, 2016). O VIII Congresso, em 2015, integrou as pesquisas de parceiros argentinos, paraguaios, peruanos, venezuelanos e mapuche, reunindo-os com pesquisadores/as brasileiros/as e estudantes de pós-graduação, bem como ativistas com interesse em discutir as configurações contemporâneas e emergenciais da literatura e das artes em conexão com a ética e a política na América Latina.

O Congresso Internacional Roa Bastos de Literatura conta, desde 2014, com a chancela de uma “*Red Internacional de Investigadores en Literatura Comparada*”, criada nesse mesmo ano e coordenada pela Profa. Dra. Lilibeth Zambrano, do *Instituto de Investigación Gonzalo Picón Sallas*, da *Universidad de los Andes* (ULA), campus de Mérida. Neste momento, o evento abre-se a novas intersecções entre grupos de pesquisa, articulando-se ao Grupo Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens, da UNIOESTE/campus Cascavel, então coordenado pela Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves, a fim de que o marco simbólico deixado pelo legado de Augusto Roa Bastos alcance outras latitudes, poéticas e imaginários.

A partir do ano de 2017, com a mudança de política para as universidades públicas, não foi concedido o auxílio. Ainda assim, o IX Congresso Internacional Roa Bastos deu continuidade à sua itinerância e foi realizado no IFC, em São Bento do Sul.

A despeito da falta de financiamento, em algumas ocasiões, o que nos movia a seguir com o congresso Roa Bastos é que no Brasil não há evento similar na academia

que se relacione com o Paraguai no campo da literatura, com a proposta temática que possa se ampliar para outros contextos, mas que, simbolicamente, continue a descolonizar a mente sobre um território que segue sofrendo pelas relações de subserviência impostas pelo Brasil em tratados como o de Itaipu; pela invasão de territórios imensos por parte dos investidores do agronegócio que desmatam, retirando aos pequenos proprietários a chance de sobreviver em suas terras. As diferentes ondas de brasiguaios, iniciadas com o incentivo dado por Stroessner nos anos 70 do século XX e o retorno do mesmo estímulo, com o governo de Carter, a partir de 2013, impõem sofrimento e injustiça aos trabalhadores do campo com o lucro de uma mão de obra barata e a perda das terras por setores da população paraguaia para o agronegócio.

Além disso, há no Brasil grande ignorância sobre a riqueza cultural paraguaia e a assimetria nessas relações internacionais, portanto, a intenção de criar um movimento para lutar contra o preconceito, o comportamento imperialista de setores brasileiros e a xenofobia contra os vizinhos, a partir do conhecimento de suas vinte e seis (26) culturas ancestrais, sua arte, mostram como é preciso combater o descaso com o conhecimento daquelas culturas, das/dos poetas bilingues – guarani- castelhano, com a dramaturgia em guarani do século XX; do cinema paraguaio que desponta com uma potência no século XXI.

E aqui vai um agradecimento especial à solidária participação de pesquisadores do NELOOL nas Comissões Organizadoras e às Coordenadoras dos eventos Roa Bastos: Carmen Luna Sélles do V Congresso Internacional itinerante na Universidad de Vigo; Meritxell Hernando Marsall do VII; Cynthia Valente do VIII; Raquel Cardoso da Silva e Custódio do IX e Eleonora Frenkel Barretto do X Congresso Internacional Roa Bastos.

Antes de concluir, vejamos mais um excerto de um dos pesquisadores José Mariano do Carmo da área de Literatura Brasileira sobre sua participação: “Para mim, o NELOOL torna-se importante, não apenas por oportunizar a assistência no evento, mas também por participar em sua organização, uma aprendizagem contínua e gratificante. É trabalho de muitos, alguns citados neste brevíssimo relato. Há embates, é certo, mas é justamente em tais ocasiões que a aprendizagem se torna mais efetiva e, principalmente, quando podemos cambiar nossos conhecimentos com nossos pares dos países da América Latina, à luz da sabedoria e da leitura de mundo de Roa Bastos.”

Fosse nos cânticos de hinos ou pela arte profana de Antonio Garcia, o caçula de uma dupla caipira que se apresentava em pavilhões e circos pela estrada afora, radialista



e alegre que, entre os anos 1940, como Charanga & Cafézá e no ápice da carreira como Charanga & Chará, quem sabe essa genealogia vocalizada que me despertava altas horas da noite com melodias, em visitas que meu tio fazia à família de sua irmã, minha mãe que também cantava...O certo é que eu preferi pesquisar não exatamente os cânones... Ou, se me criticarem provando que o destaque dado pela historiografia concede a Augusto Roa Bastos o rótulo canônico por ter sido parte da “Nova literatura latino-americana”, vou recordar que minhas abordagens foram sempre pelas bordas dessa escritura, sem me ater à cópia; aos desígnios mercantis de *Yo el Supremo*, obra prima de Roa Bastos que, só em 2014, fez parte de minhas pesquisas. E me pergunto até que ponto a reprodução elitista da literatura vale em um país, em que garimpeiro invade a terra e não se contenta em extrair ouro da Pacha mama, agora estupra não só a mãe terra, mas meninas Yanomami e com a droga da draga suga curumim de três anos que queria se banhar no rio?

Talvez por essa cantoria toda na infância é que aprendi que para superar sofrimentos, perdas e dores meu gesto foi o de cantar. Quem sabe essa genealogia tivesse encontrado naquele escritor orgânico, exilado e expatriado e que também cantava - Augusto Roa Bastos - um meio para entender como, ao traduzir a letra de “Vingança”, permitiu o giro transfronteiriço do samba-canção de Lupicínio Rodriguez, em um tango orquestrado, *Venganza*.

Além dessa característica, escreveu outros contos em que a música tem papel relevante, desta maneira, reuni alguns estudantes da Pós-Graduação em Literatura da UFSC, a saber: Karin Baier; Sandra W. Silveira; Paulo dos Santos Silva; Valdir Olivo Jr. e Henrique Finco, e, selecionados oito contos de Roa Bastos, consegui apoio do DLLE e da PGET/UFSC para imprimir o tomo traduzido a que denominei *Contos que cantam* (2010). Talvez mais do que os artigos publicados sobre a obra de Roa Bastos, esse foi o trabalho que me deu mais alegria, ao ver, após mais de uma década, no último evento Roa Bastos de novembro de 2021, o que Raquel Cardoso Faria e Custódio conseguia, com seu Clube de Leitura: uma profunda discussão sobre alguns relatos do escritor paraguaio no Instituto Federal de Jaraguá do Sul em Santa Catarina.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução de Adriana Lisboa. RJ: Rocco, 2011.

DINIZ, A. G.. Augusto Roa Bastos. *Contos que cantam*. Assunção: SERVILIBRO/Herederos de Augusto Roa Bastos; Florianópolis: LLE/PGET, 2010.

DINIZ, A. G.; EZQUERRO, M.; Luna Sélles, C.; RAVETTI, G. ; CARDOSO, R. ; LOPEZ PETZOLDT, Bruno ; BORGES, A. I. L.; PEREIRA, D. A. *Augusto Roa Bastos em Arquivos de Fronteira*. Tubarão: Copiart, 2012.

DINIZ, A. G.; Amarante, D. W.; MEDEIROS, S. L. R.; DELGADO, S.; BUNN, D. (Org.) . *II Simpósio Roa Bastos de Literatura: corpo, papel e imagem*. Florianópolis: NELOOL, 2007. Publicação online.

LUNA, Carmen Sélles; Díaz, J.; HERNANDEZ, Rocío. (Org.). *Cien Años sin Barrett*. Actas del V Congreso Internacional Roa Bastos: Cien años sin Barrett. Vigo: Servicio de Publicación de la Universidad de Vigo, 2011.

MARSAL, Meritxell H.; DINIZ, Alai; CUSTÓDIO, Raquel (org.). *Estéticas Migrantes*. Rio de Janeiro: Comunitá, 2013.

VALENTE, Cynthia; MORETTI, Maria de Fátima; CUSTÓDIO, Raquel (org.). *Poéticas e Políticas do Caribe Andino ao Grande Chaco*. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

Data de recebimento: 10/03/2022

Data de aprovação: 08/06/2022